

Psicanálise e religião — abismo escancarado ou útil variação?

Reflexões sobre a correspondência entre Freud e o pastor Pfister

Karin Hellen Kepler Wondracek*

Resumo: Texto a propósito do lançamento da edição portuguesa da correspondência entre Sigmund Freud, fundador da psicanálise, e o pastor Oskar Pfister, relançando a discussão/diálogo entre psicanálise e religião. Abismo escancarado? Útil variação? De um a outro destes extremos a questão tem sido colocada. A correspondência entre Freud e Pfister pode ser paradigmática em muitos sentidos e contribuir para o encontro de lugares privilegiados de onde esta relação possa ser analisada. As falas contidas nesta correspondência sugerem nem um nem outro extremo, e sim “variações úteis à beira de abismos”.

Resumen: Texto a propósito del lanzamiento de la edición portuguesa de la correspondencia mantenida entre Sigmund Freud, fundador del psicoanálisis, y el pastor Oskar Pfister, relanzando la discusión/diálogo entre psicoanálisis y religión. Abismo ancho? Útil variación? Desde uno a otro de estos extremos la cuestión ha sido planteada. La correspondencia entre Freud y Pfister puede ser paradigmática en muchos sentidos y contribuir para el encuentro de lugares privilegiados de donde esta relación pueda ser analizada. Las conversaciones contenidas en esta correspondencia sugieren ni uno ni otro extremo, y sí “variaciones útiles al borde de abismos”.

Abstract: This is a text motivated by the edition of a Portuguese translation of the correspondence between Sigmund Freud, founder of psychoanalysis and Pastor Oskar Pfister, once again opening the discussion/dialogue between psychoanalysis and religion. A wide open abyss? A useful variation? Both extremes have been proffered. The correspondence between Freud and Pfister can be paradigmatic in many ways and can contribute to the meeting of privileged spaces from whence this relationship can be analyzed. The discourses contained in this correspondence suggest neither one nor the other extreme, but instead “useful variations at the edge of abysses.”

De sua carta obtenho a alegre certeza de que a diferença entre nossas visões somente começa quando moções emocionais passam a influir sobre os processos de pensamento, portanto de que ela somente pode ter a importância de uma útil variação.

Freud, carta de 20.2.1909.

Não há grande perigo de o senhor candidatar-se ao batismo e tampouco de eu me jogar do púlpito. Mas existem alguns pontos de aproximação bem importantes, e quando pondero que o senhor é bem melhor e mais profundo que o seu ateísmo, e eu bem pior e mais superficial que minha fé, então o abismo entre nós não poderia escancarar-se de modo tão arrepiante.

Pfister, carta de 20.2.1928.

Exatamente 19 anos separam estas duas afirmativas. Nesses anos Freud e Pfister visitaram-se, dialogaram, escreveram e polemizaram. As *Cartas Freud-Pfister*¹ convidam à retomada do difícil diálogo entre psicanálise e religião. E de uma forma pouco ortodoxa para o método científico, pois, além das discussões teóricas que embasam produções textuais de ambos os autores, há material que remete a outra ordem — o plano do afeto —, pois o fecundo relacionamento que os dois mantiveram durante 30 anos fala por si só.

Em janeiro de 1909, após receber o trabalho de Pfister intitulado *Alucinações e suicídio de alunos*, Freud confia a Jung que não estava acostumado a se dar bem com os teólogos. Mas abre sua casa e seu coração — termo hebraico que engloba inteligência e afeto — para esse pastor que queria aprender psicanálise. Freud, ateu convicto, permite que o relacionamento com o pastor Pfister lhe traga novas associações:

Estou muito admirado de que eu mesmo não tenha me lembrado de quão grande auxílio o método psicanalítico pode fornecer à cura de almas, porém isto deve ter acontecido porque um mau herege como eu está distante dessa esfera de idéias. (Carta 1).

Na brincadeira — recurso muito usado pelos dois autores das *Cartas* — Freud admite que a “heresia ateísta” o afastara do círculo de idéias que permitiria interligar psicanálise-fé. Isto é, o ser humano só produz novas conexões de idéias quando permite que algo ou alguém o retire do círculo usual de associações. E, neste sentido, o discurso psicanalítico tradicional tem sido, muitas vezes, um círculo fechado que tem impedido a descoberta e o entendimento dos fenômenos religiosos (Mello Franco, 1995).

Por isso, a leitura das *Cartas Freud-Pfister* permite um duplo mergulho na questão psicanálise-fé religiosa: por um lado, escutar as suas discussões enriquece o estudo do fenômeno religioso. Mas o outro lado parece ser ainda mais fecundo para penetrar na profundidade do fenômeno religioso: a intensa troca de afeto, a simpatia e o respeito mútuo que havia entre eles “falam” de mistério, de fé, daquilo que escapa aos nossos sentidos e à apreensão científica.

Pfister escreve que luta “por uma amada causa com um amado adversário”. Quando o afeto não predomina numa discussão tão delicada, surgem as guerras...

Isto remete até ao texto bíblico, que fala em “acima de tudo esteja o amor, que é o vínculo da perfeição” (Cl 3), como também ao “amai os inimigos” de Jesus.

Mas para Freud, Pfister era, acima de tudo, um amigo. Freud sabia diferenciar entre divergência de idéias e comunhão de afetos:

Justamente nós dois, depois que nos conscientizamos das últimas diferenças fundamentais de nossas concepções de vida, temos agora motivos especiais — mas também inclinações especiais, eu espero — para cultivar tais relações. (Carta 92).

Deixar que o afeto predomine remete a um modo de abordagem dos fenômenos que chamamos de contemplar o mistério.

Rubem Alves, no seu poético texto *Bosques escuros e lanternas claras*², escreve que a compreensão da religião não passa pelo discurso científico:

A interpretação não eliminou o mistério.

Claro, me retrucarão que na ciência não há lugar para o mistério.

Obscuro, que a despeito disto ele permaneça...

Vem do grego: mistério, de “muein”, fechando os olhos, fechando a boca, e, a despeito disto, vendo, falando, sem saber o que vê, sem saber o que fala. (P. 54).

Parece haver um vislumbre do mistério nesta carta de Freud:

Que o senhor possa ser um analista tão convicto e ao mesmo tempo ainda um homem espiritual, pertence às contradições que tornam a vida tão interessante. (1934).

Os mistérios, indicadores de que nem tudo se explica — nem Freud explica —, ao não se deixarem capturar pelo método científico, tornam a vida interessante... talvez esta seja uma das razões para a manutenção de 30 anos de diálogo, para a capacidade de alegrar-se com os tons discordantes. Paradoxalmente, parece que na relação afetiva com Pfister, Freud torna-se mais cientista:

Alegro-me diretamente pelo seu posicionamento público contra minha brochura; será um refrigerio em meio ao coro desafinado de críticas, para o qual estou preparado. Nós sabemos que por caminhos diferentes lutamos pelas mesmas coisas para os pobres homenzinhos. (Carta 81).

E Pfister:

No tocante à sua brochura contra a religião, sua rejeição da religião não me traz nada de novo. Eu a aguardo com alegre interesse. Um adversário de grande capacidade intelectual é mais útil à religião que mil adeptos inúteis. Enfim, na música, filosofia e religião eu sigo por caminhos diferentes que os do senhor. Não poderia imaginar que uma declaração pública sua me possa melindrar; sempre achei que cada um deve dizer sua opinião honesta de modo claro e audível. O senhor sempre foi paciente comigo, e eu não o seria com o seu ateísmo? Certamente o senhor também não vai levar a mal se eu oportunamente expressar com franqueza minha posição divergente. Por enquanto fico na disposição de alegre aprendiz. (21.10.1927).

E Freud continua:

Faço questão de que o senhor publique uma crítica — na Imago, se quiser — e espero que nesta o senhor ressalte expressamente a nossa límpida amizade mútua e sua adesão inabalável à análise. Na segunda pergunta estão misturados alguns aspectos que talvez seja melhor separar. Retenhamos como dado que as opiniões do meu texto não são nenhum componente do edifício da teoria analítica. É minha posição pessoal, que coincide com a de muitos não-analistas e pré-analistas, e certamente não é partilhada por muitos fiéis analistas. Se usei certos argumentos da análise, na verdade usei apenas um, isto não precisa impedir ninguém de utilizar a metodologia imparcial da análise também para o ponto de vista contrário. (Carta 82).

Freud, por mais convicto que se mostre a respeito da ilusão que a religião representa, não faz disto um pilar da análise. Esta continua sendo um método imparcial, e não uma visão de mundo. Por isto pode apreciar a capacidade analítica do pastor e sua profissão de fé:

Acabo de ler seu pequeno livro e posso bem acreditar que o senhor o escreveu de boa vontade. Ele contém um calor que alegra o coração e mostra todas as belas qualidades que tanto apreciamos no senhor: sua capacidade de entusiasmo, seu amor pela verdade e pelas pessoas, sua coragem de professar-se, sua compreensão e também — seu otimismo. (Freud, carta de 9.11.1918).

E Pfister também não se sente agredido na sua fé e permite que a psicanálise vá modificando suas concepções:

Quanto ao meu livro [*O amor da criança e suas falhas de desenvolvimento*], que lhe envio hoje, permito-me uma breve observação. Significa um avanço em relação a meu estado anterior, na medida em que superei definitivamente uma série de imprecisões que tinham crescido em mim através de Jung e Adler. Assim, para minha grande alegria, posso confessar sem insegurança e sem dependência que reconheci o acerto das colocações do senhor também nos aspectos em que por longo tempo não tivera experiências próprias. No que concerne à ética, religião e filosofia existe uma diferença, que nem o senhor nem eu percebemos como abismo.

Fazer da diferença uma variação, e não um abismo, parece ter sido um dos fatores que permitiram que esse diálogo quase musical fosse crescendo. Quando um dos instrumentos propaga que tem a única música correta, proíbe que outros componham suas variações.

A fertilidade musical não será uma bela metáfora para a conduta científica? A verdade progride quando se abre às variações. Será que hoje a psicanálise continua abrindo-se aos mistérios, ao relacionamento terno com o diferente? Muitas vezes, as diferenças são defensivamente recalçadas por interpretações pré-formuladas, tão distantes da escuta analítica.

Será que hoje ainda se segue a recomendação técnica de Freud sobre a interpretação do sentimento religioso:

Naturalmente o analista pode cometer um grave erro técnico, quando suscita a impressão de que menospreza este anseio sentimental, ou quando propõe a todos a exigência de superar este pedaço de infantilismo, para o que apenas poucos estão preparados. (Freud, carta 82).

Mesmo rotulando-o como “infantilismo”, deve ser preservado. As concepções pessoais estão aí, mas não devem tornar-se o pivô do trabalho analítico de “limpeza” do mistério.

Mas não será justamente pela atitude de escuta aberta que Freud mostra o psicanalista/cientista?

Em si a psicanálise não é religiosa nem anti-religiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão-somente a serviço da libertação dos sofredores. (Freud, 9.2.1909).

Parece que justamente esta consideração instrumental da psicanálise protege de considerá-la uma visão de mundo. Pfister foi talvez o primeiro a alertar para as conseqüências e riscos desta postura:

O texto de Ferenczi e Rank [*Alvos e desenvolvimentos da psicanálise*] fornece-me vários caroços para quebrar. Não quero e não posso admitir que a psicanálise pareça conduzir a uma nova visão de mundo. A análise somente é capaz de fornecer contribuições muito valiosas para a elaboração de uma imagem do mundo. Esta última repousa numa síntese, e é preciso cuidar para não sobrecarregar a carroça da análise. (14.3.1924).

Pfister, ao considerar a psicanálise como instrumento de investigação da alma — palavra preciosa para ambos —, fez com esta contribuisse para que mergulhasse ainda mais nos mistérios da fé, pois possibilitou retirar, ainda que parcialmente, o neurótico que obstruía e deturpava o mistério.

A descrença é simplesmente uma crença negativa. Não creio que a psicanálise ponha de lado a arte, a filosofia, a religião, mas que ajude a purificá-las. Perdoe-me, um velho aficionado* pela arte, fã da humanidade, servo de Deus! Deixo-me guiar justamente pela obra maravilhosa da sua vida e sua terna bondade, que encarnam por assim dizer o sentido do ser, em direção às fontes profundas da vida. E eu não posso, na margem delas, ficar somente pesquisando, eu tenho que beber e recolher forças vitais. A frase de Goethe “se não o sentirdes, não o conseguireis alcançar” é válida sempre de novo. (9.2.1929).

Condensando as falas de Freud e Pfister, sem aglutiná-las, pode-se dizer que são variações úteis à beira de abismos. Abismos que delineiam formas que, no dizer de Freud, “tornam a vida interessante”, tal como a alternância de um vale entre duas montanhas embeleza a paisagem. Esta atitude de abertura para o diferente, para as variações perto dos abismos não é fácil. Nosso pensamento, forjado no racionalismo destes últimos séculos “das luzes”(?), reclama certezas a todo momento, mesmo que à custa de repressões. Talvez por isto Pfister tenha sido

tão esquecido, tenha tido seu nome trocado e omitido (Nase, 1993)³. Como ensina a psicanálise, são indícios da atuação do recalçado.

Pfister tinha a música como *hobby*, e Freud a arqueologia. Metaforizando, podemos falar que Freud e Pfister formaram um belo dueto, no qual, ao tocarem instrumentos com recursos diferentes, enriqueceram a melodia da vida com “úteis variações”.

E, pelo lado da arqueologia, podemos metaforizar que as *Cartas Freud-Pfister* podem ser vistas como um tesouro que revela os pioneiros arranjos “geológicos” da psicanálise. E, como tal, o livro pode enfeitar estantes, mas também pode estimular à reflexão sobre os rumos atuais dos diálogos da psicanálise com a teologia. O retorno do misticismo em todas as formas neste final de milênio impõe que a religiosidade não seja apenas recalçada. Será que podemos reaprender a melodia tocada por Pfister em 1927?

Em que outro lugar, fora dos círculos psicanalíticos, reunir-se-iam médicos, pedagogos e teólogos, para durante uma série de noites tecer profundas reflexões sobre a questão religiosa?⁴

Um evento como este parece ser uma “útil variação” desta bela melodia...

Notas

- * Psicanalista (P. Alegre), membro do Núcleo de Estudos Sigmund Freud e do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos, tradutora das *Cartas Freud-Pfister*.
- 1 *Cartas Freud-Pfister (1909-1939)*: diálogos entre psicanálise e fé cristã, Viçosa: Ultimato/CPPC, 1998.
- 2 In: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 54-67, out. 1984.
- * N. da T.: Literalmente, “bobo pela arte”.
- 3 Eckard NASE, *Oskar Pfisters Analytische Seelsorge*, Berlin/New York: De Gruyter, 1993.
- 4 Oskar PFISTER, *Analytische Seelsorge* [A cura de almas analítica], Göttingen, 1927.

Karin Hellen Kepler Wondracek
Rua Carlos von Koseritz, 1336
Auxiliadora
90540-030 Porto Alegre — RS